

# CULTURA DA ARGUMENTAÇÃO, MEDIA DIGITAIS E DISCURSO DE ÓDIO<sup>1</sup>

**Rui Alexandre Grácio**

Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro — Portugal

<https://orcid.org/0000-0002-6291-6925>

rgracio@ua.pt

## INTRODUÇÃO

I believe that argumentation theory is a vital discipline that can be used to understand and hone the tools people draw on to communicate with each other, embrace agreement and avoid violence. (Gilbert, 2022, p. 491)

Num belo livro de crónicas, publicado em 2004 e intitulado *Urgente é a Vida*, o professor, dramaturgo e escritor brasileiro Alcione Araújo faz a seguinte afirmação: “Quem não consegue verbalizar o que sente ou pensa é incapaz de *parlare*, *parlamentare*, dialogar e, desesperado, substitui a palavra ausente pela truculência — linguagem universal da barbárie. Sem palavra não há argumento” (Araújo, 2004, p. 240). E, mais adiante, acrescenta:

A palavra é a nossa maior arma na luta contra o caos. É o diálogo, jardim onde floresce a palavra, que afugenta a barbárie. E a linguagem, maior de todas as criações humanas, seu inextinguível património, meio de orar aos deuses, imprecar contra o destino, lamentar a dor, glorificar o prazer, é, sobretudo, o meio do homem entender o homem. O resto é silêncio. (Araújo, 2004, p. 253)

A percepção dos poderes da linguagem e da sua importância na organização de uma coexistência humana tendencialmente pacífica, apesar de con-

---

<sup>1</sup> Este trabalho foi financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDP/04188/2020.

flitua, é uma intuição característica de quem entende a filosofia a partir da retórica. É certo que os poderes da persuasão podem assumir diversas formas e são seguramente ambivalentes quando olhados do ponto de vista ético. Assim, e uma vez que, nos nossos tempos, persuasão passou a estar tão ligada à publicidade e à propaganda, sendo facilmente pensada a partir da racionalidade instrumental que nos invadiu, houve até quem tivesse a necessidade de esclarecer que “não se trata de persuadir, trata-se de conviver” (cf. Plantin, 2010<sup>2</sup>).

Com efeito, quando falamos de uma persuasão desenvolvida através de práticas dialógicas e da interação argumentativa – com turnos de palavra e com capacidade de ouvir, de discorrer e de contradiscorrer e em que, por conseguinte, se assume uma certa paridade entre os interlocutores – somos imediatamente conduzidos àquilo que podemos designar por “cultura da argumentação”, uma cultura em que a importância de apresentar razões e o valor da escuta constituem duas faces de uma mesma moeda.

Mas, como podemos caracterizar uma “cultura da argumentação”? Dois pensadores podem auxiliar-nos aqui a traçar uma resposta. Chaïm Perelman, o criador da “nova retórica” e David Zaretsky, um teórico americano da argumentação.

## **ARGUMENTAÇÃO, DEMOCRATICIDADE E COEXISTÊNCIA**

Diz-nos o primeiro que a argumentação constitui uma das dimensões da liberdade democrática, traduzida não só na liberdade de expressão mas, sobretudo, na liberdade de discussão. A liberdade de se produzirem discursos e contradiscursos, de se esgrimirem argumentos, de se procurarem vias de coexistência mediadas pela força de argumentos, em alternativa ao uso da violência física. Assim, afirma, “o recurso à argumentação supõe o estabelecimento de uma comunidade de espíritos que, enquanto dura, exclui o uso da violência” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1988, p. 73).

É aliás por isso que, segundo Perelman, uma das grandes conquistas da humanidade, no sentido da civilidade, foi

ter-se permitido que, em matérias fundamentais, reservadas à tradição religiosa e aos seus porta-voz, o uso da força pudesse ser substituído pelo da persuasão, que se pudessem colocar questões e receber explicações,

---

<sup>2</sup> Todas as traduções são da responsabilidade do autor do presente texto.

avançar opiniões e submetê-las à crítica de outrem. (Perelman, 1970, pp. 289-290)

Na perspectiva de Perelman, a argumentação é ainda solidária do Estado de Direito e do pluralismo, sendo o desacordo visto, não como algo de prejudicial, mas antes como fazendo parte da conflitualidade que existe sempre nas sociedades humanas. As práticas argumentativas preservam a democraticidade das relações sociais e são aliadas dos direitos humanos. Aliás, os tribunais são sítios argumentativos institucionais onde o direito ao contraditório e a via das práticas argumentativas são supostamente um pilar da ordem legal e do Estado de Direito. Não é aliás por isso estranho que desde sempre tenha havido uma estreita ligação entre justiça, direito e a argumentação.

Por conseguinte, é neste horizonte alargado, pautado pela noção de razoabilidade<sup>3</sup> (noção que aqui não posso explicitar, mas que nos lembra que, a par do rigor científico de inspiração matemática, há sempre uma retórica do mais ou menos e uma construção retórico-argumentativa das demonstrações), que podemos caracterizar as ideias de Perelman quanto ao que possa ser uma “cultura da argumentação”.

## CARACTERÍSTICAS E TENSÕES DE UMA CULTURA DA ARGUMENTAÇÃO

Por seu lado, o teórico David Zaresfky (2009) procura caracterizar a cultura da argumentação através de seis características e aquilo que ele designa como “cinco tensões produtivas”. Numa enumeração muito sintética, eis as seis características.

1. Primeira característica: a cultura da argumentação valoriza aqueles a quem nos dirigimos e com quem interagimos.
2. Segunda característica: a cultura da argumentação reconhece e acolhe a incerteza.
3. Terceira característica: mesmo reconhecendo a incontornabilidade da incerteza — e talvez por isso mesmo — uma cultura da argumentação valoriza a convicção.

---

<sup>3</sup> “(...) podemos dizer que a razoabilidade remete para uma atitude prudencial: ela não é uma medida ou um padrão de mensuração unidimensional, é antes um espaço potencialmente inclusivo e suficientemente flexível para que nele vários pesos e medidas possam ser ponderados de modo a poderem emergir equilíbrios possíveis, desejáveis e pragmaticamente relevantes”. In Grácio, R. A. 2022. *Ensinar a argumentar ou convidar ao confronto com a incerteza*. Grácio Editor, pp. 58-61.

4. Quarta característica: numa cultura da argumentação a incidência não é a prova, mas a justificação, sendo esta última um compromisso com uma posição e não um certificado de verdade.
5. Quinta característica: apesar de aparentemente adversarial, numa cultura da argumentação, argumentar é essencialmente um empreendimento cooperativo.
6. Sexta característica: numa cultura da argumentação os indivíduos estão dispostos a correr riscos derivados da sua exposição ao confronto<sup>4</sup>.

No que diz respeito às tensões produtivas, são elas as seguintes:

1. Primeira: uma tensão entre contingência e compromisso, ou seja, entre, por um lado, a aceitação da incerteza da situação e a aposta na defesa de certos pontos de vista.
2. Segunda: uma tensão entre aquilo pelo qual se toma partido e uma certa reserva ou contenção, no sentido de uma parcialidade balanceada e não recortada pelo dogmatismo.
3. Terceira: uma tensão entre as condições pessoais e a sensibilidade do auditório ou daqueles com quem interagimos.
4. Quarta: uma tensão entre a razoabilidade e a subjetividade, no sentido de aceder ao plano intersubjetivo onde se joga a questão da aceitabilidade.
5. Quinta: uma tensão entre decisão e o não fechamento das questões argumentativas, o que remete para as exigências práticas da premência da ação e a persistência da possibilidade do alternativo.

Queria ainda salientar — aproveitando para introduzir a questão do discurso de ódio — que a argumentação não funciona como uma varinha mágica na resolução de todos os problemas e em qualquer situação. Como precisamente nos lembra Stanley Fish:

se pensarmos no discurso de ódio como uma evidência de confusão moral ou cognitiva, tentaremos desfazer a confusão aplicando boas ra-

---

<sup>4</sup> Como escreveu Henry Johnstone Jr. (2018, p. 30): “Argumentar é correr inerentemente o risco de falhar, tal como jogar um jogo é inerentemente arriscar-se a perder. Uma argumentação cuja vitória nos esteja garantida deixa de ser uma argumentação real, tal como um jogo cuja vitória esteja garantida deixa de ser um jogo real”. Na mesma linha de ideias, Marc Angenot (2008, p. 439) salientou que “em qualquer caso, argumentar implica aceitar inerentemente o falhanço provável daquilo que pode parecer um esforço de persuasão”.

zões; mas se acharmos que aqueles que discorrem com ódio, em vez de estarem confusos, estão simplesmente errados — eles raciocinam suficientemente bem, mas as suas razões estão ancoradas em crenças (sobre características raciais, normas sexuais e assim por diante) que consideramos abomináveis — não colocaremos a nossa fé em argumentos, mas procuraremos algo de mais forte. (Fish, 1997, p. 393)

O sentido da frase de Fish ecoa numa passagem do *Tratado da Argumentação* acerca do fanático, passagem essa que coloca o diálogo argumentativo sob o signo de discutibilismo orientado para a decisão:

[O] fanático é aquele que, aderindo a uma tese contestada, e cuja prova indiscutível não pode ser fornecida, recusa todavia a possibilidade de a submeter a uma discussão livre e, por consequência, recusa as condições prévias que permitiriam, neste ponto, o exercício da argumentação (...) [a qual] (...) visa uma escolha entre possíveis. (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 1988, pp. 82-83)

Na mesma linha de ideias, James Crosswhite (1996, p. 44) encara a teoria da argumentação como “uma forma de lançar luz sobre essas características da argumentação que nos permitem viver melhor do que viveríamos de outro modo”.

O que significa que a argumentação — essa “congregação de discursos”, como a descreveu Edwin Black (1965, p. 148) — é apenas uma via, não se devendo todavia esquecer que o recurso à força e à violência é também uma via, sendo mesmo de notar que “uma fase violenta de um conflito é geralmente precedida e/ou seguida por períodos de atividade verbal intensa” (Dascal, 2007, p. 282).

Com efeito, entre o diálogo argumentativo e o uso da força há toda uma gama filigranada que permite gerir processos de negociação de distâncias e construir situações mais favoráveis e com mais força de prevalência do que as argumentações. Com efeito, como nos lembra Bourdieu (1982, p. 95), é bom não esquecer que o poder também chega à linguagem “de fora”.

## MEDIA DIGITAIS E PRÁTICAS ARGUMENTATIVAS

Passemos então agora à questão de saber se a migração para o digital favorece, ou não, as práticas argumentativas. Sobre isto gostaria de citar duas

pequenas frases para tentar contrabalançar os efeitos dominantes do deslumbramento tecnológico vigente.

A primeira diz respeito às tiranias da velocidade e do momento, advertindo-nos assim: “A primeira vítima de uma vida apressada e da tirania do momento é a linguagem” (Bauman & Donskis, 2016, p. 63.). Cito esta frase pois penso que os media digitais são um dos responsáveis pela compressão do espaço e do tempo. E uma das consequências da ação da velocidade sobre a linguagem é a diminuição da reflexividade, do diálogo e das competências de escuta.

A segunda citação, ainda na senda do contrabalanço ao “efeitiçamento” tecnológico faz o seguinte reparo: “A elogiadíssima ‘interatividade’ do novo veículo é um grande exagero; deveriam antes falar num ‘meio interativo one-way’” (Bauman, 1999, p. 52). De facto, não se pode dizer que, ao servimo-nos das redes sociais e dos seus meios, possamos negociar os termos em que as interações ocorrem. É aliás por isso que muitas vezes chamo “cabrestos informáticos” às plataformas informáticas com que cada vez mais temos de lidar. Eles estimulam — como aliás o próprio funcionamento do software — o raciocínio monológico em detrimento do raciocínio dialógico.

A perspicácia de Bauman alerta-nos assim para o fenómeno da crescente unilateralização da comunicação, ainda que esta dimensão redutora seja propagandeada com o engodo das possibilidades ilimitadas e incríveis: “tudo, aqui e agora” é um *slogan* que revela bem a pulsão metafísica do deslumbramento tecnológico.

No entanto, e como já referi noutros lugares (Grácio, 2020), tal representa uma regressão da racionalidade argumentativa em que se fundam as sociedades democráticas. Caídas nas redes (ditas) sociais, as discussões tendem a *tornar-se mais discurso do que diálogo*, num tipo de comunicação que tende a perder as potencialidades da audição empática do diálogo oral, o que é grave se considerarmos, como eu considero, que a escuta é crucial para o diálogo e o aspeto mais relevante do mundo inteligente. Ora, empobrecido o papel da escuta, a interação nas redes sociais tende a tornar-se um fogo cruzado propício a ceder à espetacularidade bombástica das posições extremadas, a uma comunicação sem diálogo em que espreitam as explosões emocionais carregadas de radicalismo, sem pé na razoabilidade.

## INCOMPATIBILIDADE ENTRE O DISCURSO DE ÓDIO E A RACIONALIDADE ARGUMENTATIVA

E somos assim conduzidos de novo aos discursos de ódio. Antes de mais, quero começar por esclarecer um ponto: considero que “há uma violência na linguagem e na sociabilidade que não pode ser totalmente erradicada sem que se erradiquem também as próprias linguagem e sociabilidade” (Crosswhite, 2013, p. 135).

Mas, posto isto, devo também enfatizar que há limites, e um deles ocorre quando a violência verbal tem como efeito impossibilitar o diálogo, abrindo portas ou propiciando a violência física, a intolerância e a imposição autoritária que transforma o desacordo em motivo para eliminação de uma das partes. Ou seja, em situações onde os requisitos da razoabilidade, da civilidade e da sociabilidade se perdem. Em que deixa de haver pontos de partida para a interação argumentativa.

Ilustro com algumas passagens de um *post* escrito por um professor da Universidade de Aveiro, publicado em 16 de junho de 2022<sup>5</sup>.

Começa essa publicação com o estabelecimento da típica distinção entre *nós* e *eles*, sendo o *eles* classificados como pessoas que atentam à normalidade e que tentam impor os seus desvarios terroristas. São tratados como “aquela gente”, radicais e delirantes. Cito, acrescentando os itálicos:

Para quem tem andado distraído, eu venho aqui *denunciar* mais um *atentado* à inteligência e também à *normalidade* por parte de organizações “*terroristas*” que nos tentam impor à força os seus *desvarios*!

(...)

Enfim, assim umas coisas com umas letras gordas “LGBTXYXMNOe-maisoraioque os parta” muito parecidas com as lenga-lengas *daquela gente* delirante e radical que até perdeu as eleições mas que não se calam nem por nada e continuam a querer impingir-nos os seus delírios!

(...)

As ideias que defendem — identificadas pelo autor como “ideologia de género” — são classificadas como “bosta” e apresentados como um perigo para os civilizados. Cito:

---

<sup>5</sup> Uma imagem do *post* encontra-se no anexo 1, no final do artigo.

Acho que esta bosta tem o nome de ‘ideologia de género’ e constitui um dos grandes perigos civilizacionais que teremos de começar a enfrentar.

E como é que o autor se propõe enfrentar estas ideias?

Começa por reforçar a ideia de radicalismo desta (cito) “franja minúscula do espectro político” e seguem-se as acusações de intolerância, de quererem impor e não propor, de não terem qualquer base científica pois é a biologia que determina o sexo, de serem um mal para a sanidade social, de serem veiculadas por mentes doentias de pessoas perturbadas, que comportam vertigens alucinadas, enfim, quem as veicula é classificado como “lixo humano” que merece ser exterminado. Eis mais algumas passagens significativas, às quais acrescentei os itálicos (ver texto completo no anexo 1):

“Começo, então:

E aqui vai uma lista de considerações e alertas para reflectirem:

- 1- A CMP e à Metro do Porto não compete difundir e propagandear ideologias; nem à Fox, já agora,
- 2- E muito menos associadas a uma franja minúscula do espectro político e que é radical
- 3- E que é Intolerante.
- 4- E que quer impor as suas distorções à força
- 5- E que é cientificamente errada !
- 6- E que é disruptiva de uma sociedade sã, contribuindo para uma decadência civilizacional que já é largamente visível
- 7- E que somente floresce nas *mentes doentias* duma minoria
- 8- E que na verdade está associada a pessoas *profunda e mentalmente perturbadas*,
- 9- E já agora o sexo de uma pessoa está *perfeitamente determinado* pela Biologia e nada tem a ver com o que ela “acha” ou com o que se identifica!
- 10- Termos como “binário” e “trans” são *invenções* que não têm reflexo nenhum na sociedade !
- 11- E já agora “binário” é um caso particular de “momento de força” e não aquela *trampa* que eles pretendem que seja.
- 12- (...)
- 13- Esta acto publicitário é uma agressão e merecia umas valentes pedradas nas vitrinas só para aprenderem  
(fica a sugestão... quem alinha?)

14- Acho que estamos a precisar *urgentemente* duma “inquisição” que limpe este *lixo humano*(?) todo!

15- Outra ideia: chamamos cá o Putin (o Grande) para meter todos estes “tramposos” nos eixos!!! (ou noutro sítio que agora não digo!!!)

Saudações *Normais*

Bastaria lembrarmos a definição elaborada pelo Conselho da Europa, segundo a qual o Discurso de Ódio engloba “todas as formas de expressão que propagam, incitam, promovem ou justificam o ódio racial, a xenofobia, a homofobia, o antissemitismo e outras formas de ódio baseadas na intolerância” (Conselho da Europa)<sup>6</sup> para percebermos estarmos claramente perante um discurso de ódio.

Mas poderíamos relembrar também a maior parte das características da argumentação que acima apresentei (nomeadamente, a valorização do outro, o acolhimento da incerteza, as perspectivas de cada argumentador não serem certificados de verdade, a atitude cooperativa, a disponibilidade para correr o risco de alterar a sua posição, o não dogmatismo e o não fechamento das questões) para concluirmos que este discurso é desprovido de razoabilidade e é explicitamente um discurso de ódio. Ele prenuncia conflitos violentos, entendendo estes como “formas de confrontação nas quais o antagonismo latente se torna explícito e aparentemente irresolúvel a não ser pelo uso da força” (Dascal, 2007, p. 282).

Nele não se trata de coexistir, mas sim de eliminar quem não pensa igual, incitando a uma postura de violência que descarta o diálogo e a força dos argumentos como campo de negociação das distâncias dos indivíduos a propósito de um assunto em questão. É caso para perguntar: para onde foste, razoabilidade argumentativa?

Mesmo assim — e por isso trouxe esta análise aqui — concluo com as sábias palavras de Edgar Morin:

Necessitamos de pensamentos, não só daqueles com quem estamos de acordo, não só daqueles com quem estamos em desacordo, mas também daqueles com quem estamos em total desacordo. (Morin, 1999, p. 156)

---

<sup>6</sup> Informação retirada de <https://cidadania.dge.mec.pt/direitos-humanos/prevencao-e-combate-ao-discurso-de-odio>

## REFERÊNCIAS

- Araújo, A. (2004). *Urgente é a vida*. Record.
- Angenot, M. (2008). *Dialogues de sourds. Traité de rhétorique antilogique*, Mille et une nuits.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: As consequências humanas*. Jorge Zahar Editor.
- Bauman, Z. & Donskis, L. (2016). *Cegueira Moral. A Perda de Sensibilidade na Modernidade Líquida*. Relógio de Água.
- Black, E. (1965). *Rhetorical Criticism. A Study in Method*. The Macmillan Company.
- Bourdieu, P. (1982). *O que falar quer dizer*. Difel.
- Cosswite, J. 1996. *The rhetoric of reason: writing and the attractions of argument*. The University of Wisconsin Press.
- Cosswite, J. (2013). *Deep Rhetoric. Philosophy, Reason, Violence Justice, Wisdom*. The University of Chicago Press.
- Dascal, M. (2007). Traditions of controversy and conflict resolution: Can past approaches help to solve present conflicts?. In M. Dascal & Han-liang C. (Eds.), *Traditions of Controversy* (pp. 281-295). John Benjamins Publishing Company.
- Fish, S. (1997). Boutique Multiculturalism, or Why Liberals Are Incapable of Thinking about Hate Speech. *Critical Inquiry*, 23(2), 378-395.
- Gilbert, M. A. (2022). Multi-Modal 2020: Multi-Modal Argumentation 30 Years Later. *Informal Logic*, 42(3), 487-506.
- Grácio, R. (2020). *Para onde vais, racionalidade argumentativa?*. Grácio Editor.
- Johnstone Jr., H. (2018). Algumas reflexões sobre argumentação. In R. A. Grácio & M. Olímpio-Ferreira, *Contingência, incerteza e prudência: caminhos da retórica e da argumentação*. Grácio Editor.
- Morin, E. (1999). *As grandes questões do nosso tempo*. Editorial Notícias.
- Perelman, C., & Olbrechts-Tyteca, L. (1988). *Traité de l'argumentation. La Nouvelle Rhétorique*. Université de Bruxelles.
- Perelman, C. (1970). *Le Champ de L'Argumentation*. Presses Universitaires de Bruxelles.
- Plantin, C. (2010). 'No se trata de convencer, sino de convivir'. L'ère post-persuasion. *Retor*, 1(1) 59-83. <https://bit.ly/4bIMAKn>
- Zarefsky, D. (2009). What Does an Argument Culture Look Like?. *Informal Logic*, 29(3), 296-308.

## Anexo 1

ASSUNTO: LGBTABCHmaisnaoseioquêparaoraioqueosparta!

Para quem tem andado distraído, eu venho aqui denunciar mais um atentado à inteligência e também à normalidade por parte de organizações "terroristas" que nos tentam impôr à força os seus desvarios!

la eu de metro para o Senhor de Matosinhos

(sim, porque a gasolina está cara, não há estacionamento e também aproveito para me "armar" em verde, embora até seja solidamente azul e branco!)

e reparo num painel publicitário duma estação acerca duns "Binários" e dumas "Identificações" e que se é o que se acha que é ou que se quer ser e não o que a biologia diz que se é... !

Enfim, assim umas tretas com umas letras gordas "LGBTXYMNOemaisoraioqueosparta", muito parecidas com as lenga-lengas daquela gente delirante e radical que até perdeu as eleições mas que não se calam nem por nada e continuam a querer impingir-nos os seus delírios!

E fui a ver, e aquelas "coisas" estavam por todo o lado !!! Todas as estações de metro, paragens de autocarro e agora até na TV !!!!!

Mais que raio .... já não nos bastam as lavagens ao cérebro diárias impingidas pelos órgãos de comunicação social (mais conhecidas por "jornalixo") que dizem todas o mesmo e a difundirem mentiras descaradas, mas que, pelos vistos, a malta até engole !

Agora temos que aturar também esta campanha eleitoral propagandeada pela Câmara, pelo menos em conviência !

(Ah Moreira, tu nunca me enganaste !)

Acho que esta bosta tem o nome de "ideologia de género" e constitui um dos grandes perigos civilizacionais que teremos que começar a enfrentar !

Começo eu, então;

e aqui vai uma lista de considerações e alertas para reflectirem :

1- À CMP e à Metro do Porto não compete difundir e propagandear ideologias; nem à Fox, já agora!

2- E muito menos associadas a uma franja minúscula do espectro político e que é radical

3- E que é intolerante

4- E que quer impôr as suas distorções sociológicas à força

5- E que é cientificamente errada !

6- E que é disruptiva de uma sociedade sã, contribuindo para uma decadência civilizacional que já é largamente visível

7- E que somente floresce nas mentes doentias duma minoria

8- E que na verdade está associada a pessoas profunda e mentalmente perturbadas

9- E já agora o sexo duma pessoa está perfeitamente determinado pela Biologia e nada tem a ver com o que ela "acha" ou com o que se identifica

10- Termos como "binário" e "trans" são invenções que não têm reflexo nenhum na realidade !

11- E já agora, "binário" é um caso particular de "momento de força" e não aquela trampa que eles pretendem que seja.

12- Isto lembra-me quando a Gillette foi capturada por ideólogos de esquerda e puseram-se a atacar e difamar os homens na sua publicidade enquanto lhes impingiam lâminas de barbear!

Lixaram-se porque baixaram as vendas tão drasticamente, que tiveram que abandonar essa toleima num instantinho !

13- Este acto publicitário é uma agressão e merecia umas valentes pedradas nas vitrinas só para aprenderem  
(fica a sugestão... quem alinha?)

14- Acho que estamos a precisar urgentemente duma "Inquisição" que limpe este lixo humano(?)  
todo !

15- Outra ideia: chamamos cá o Putin (o Grande) para meter todos estes "tramposos" nos eixos !!!  
(ou noutro sítio que agora não digo !!!)

Saudações Normais !



2

3 comentários 1 partilha